
Manifestações Políticas em videoclipes: Diálogos entre “*This is America*” ‘*This is not America*’ e ‘*A Logo For America*’¹

Jorruan Silva de Almeida²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Este artigo argumenta que o videoclipe pode ser observado como uma forma de expressão artística e política. Argumenta-se que esta obra audiovisual, ao combinar elementos visuais, musicais e de performance, pode propor reflexões sobre as convenções culturais e sociais estabelecidas, bem como questionar estruturas de poder, identidade e violência contra indivíduos marginalizados. Através das análises dos videoclipes *This is América* de Childsh Gambino e *This is not America* de Residente, juntamente com a obra visual *A Logo for America* de Alfredo Jaar, o artigo examina como essas obras audiovisuais refletem e criticam questões sobre a ideia de América. Através do diálogo com teóricos como Rancièrre, Foucault, Mbembe, o artigo examina como as relações entre estética e política são discutidas pelo videoclipe.

Palavras-chave: videoclipe; expressão estética; debate sociopolítico; identidade; opressão

Introdução

Assim como Agamben (2005) destaca que a experiência³ se desdobra no cotidiano simples e banal, o videoclipe como forma de expressão artística também encontra sua força na interação com elementos visuais e musicais do cotidiano contemporâneo. O videoclipe, muitas vezes, transforma o ordinário em extraordinário, utilizando detalhes comuns e aparentemente insignificantes como pontos de partida para a construção de uma narrativa visual e sonora envolvente. A análise dos videoclipes suscita questões sobre como essa expressão artística associa elementos para refletir sobre identidade, poder, raça e colonialismo, e qual seu impacto na sociedade e no imaginário coletivo. A compreensão dessas questões revela o potencial dessas obras audiovisuais como espaços de contestação e resistência, que vão além do entretenimento, estimulando sentidos, imaginação e pensamento crítico. Ao desafiar fronteiras entre o comum e o extraordinário, os

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutorado do PPGCOM da UFRJ, email: jorruan@gmail.com

³ Giorgio Agamben (2005, p. 21-23), em *Infância e História: destruição da experiência e origem*, ao empregar a metáfora da pérola, busca refletir sobre a concepção de experiência de Walter Benjamin e ampliá-la. Agamben (2005) sustenta que a experiência não deve ficar restrita somente a acontecimentos extraordinários, mas também emerge das nuances do cotidiano. A metáfora da pérola destaca de que forma elementos aparentemente triviais podem fundamentar a base da experiência.

videoclipes têm a capacidade de influenciar a esfera pública, moldar percepções e se tornar poderosas formas de expressão artística e resistência, engajando-se com as complexidades contemporâneas.

A partir do diálogo entre os videoclipes *This is América de Childish* de Gambino, *This is not America* do rapper Residente, pretende-se estabelecer uma reflexão sobre o videoclipe como uma experiência e um exercício estético político. Neste sentido, observaremos estas obras como mecanismos para fazer críticas as instituições e as normas sociais de seu tempo. Além disso, a obra de Alfredo Jaar *A logo for América* se faz presente devido ao seu diálogo com a obra audiovisual de Residente. Compreendendo as imagens como um campo de batalha, observaremos como o videoclipe musical pode ser essa ferramenta de mensagem política. Ademais, entenderemos a experiência do videoclipe musical como o lugar onde se encontra a força criativa para elaborar a crítica, onde o corpo é o artifício da expressão. Com isso, este texto procura investigar o videoclipe como experiências estéticas e políticas, considerando noções como necropolítica, biopolítica e experiência estética. Deste modo, é interessante compreender como essas produções audiovisuais ao mesmo tempo funcionam como uma expressão artística que entretém e estimula o pensamento crítico.

Relações Políticas e Estéticas

A dinâmica entre som, imagem e edição constituem um espaço visual distinto, se assim podemos dizer, um domínio no campo da expressão capaz de operar no mundo. Segundo Vernallis (2004, p.15)⁴ “Vídeos não são puramente formais, isto é, eles estão sujeitos as estruturas institucionais, a tecnologia e ao contexto cultural”. Considerando o videoclipe dentro de uma circunstância sócio cultural e histórica, percebemos que esse híbrido que geralmente se constitui de letra, som e imagem é um forte operador discursivo. É eficiente em ser um produto do mercado fonográfico para a divulgação de um fonograma, mas também um exercício, uma experiência estética do cotidiano, onde a crítica social pode acontecer.

⁴ Tradução nossa.

Apropriando-se da ideia de regime estético de Rancière ⁵(2005) e de que a arte está liberta de qualquer regra específica, possibilitando assim a emergência de novas possibilidades expressivas e estéticas, podemos argumentar, que o videoclipe constitui um modo de ser sensível particular em que há a combinação de elementos visuais e sonoros de modo criativo. Nessa direção, concebemos a ideia de que o videoclipe pode desafiar convenções estabelecidas no campo da arte e da música. Argumenta-se que o regime estético permite que os videoclipes possam ser compreendidos como expressão artística, mesmo quando não estão enquadrados nas regras ou expectativas prévias, no qual a identificação da arte não está baseada apenas nas técnicas e critérios externos, mas sim na habilidade de provocar sensações, emoções e reflexões.

Sabe-se que Rancière faz uma comparação entre o regime estético e regime representativo, que se baseava na ideia de *mimesis* e *poiesis*. Enquanto o regime representativo buscava retratar e imitar a realidade de modo fiel, o regime estético permite uma perspectiva mais subversiva, se assim pode ser dito. Neste caminho argumentativo, os videoclipes, frequentemente, não se preocupam em reproduzir a realidade de forma literal, mas sim em construir novas narrativas, atmosferas e significados por meio da combinação entre som e imagem. Sendo assim eles podem ir além da mimesis tradicional, valendo-se da *poiesis* criativa e reinventando a realidade.

No que se diz respeito a política, o autor argumenta que ela emerge da falta de uma ordem social natural ou divina. A política para o autor é observada como um espaço de disputa, que costuma desafiar a ordem estabelecida, e seu poder situa-se na pressuposição de uma igualdade entre os indivíduos. Neste enquadramento, os videoclipes podem ser observados pelo seu potencial de apresentar narrativas e imagens que incitam as normas e convenções sociais. Essas obras podem apresentar um questionamento das estruturas de poder, dos papéis sociais e das hierarquias estabelecidas. Os videoclipes podem passar a ideia de igualdade ao dar visibilidade e voz a diferentes grupos e identidades. Ao expor e celebrar a diversidade, desafiando a ideia de exclusão e marginalização, por meio da música, da imagem e da dança, essas obras audiovisuais podem propagar a ideia de que todos indivíduos têm o direito de serem ouvidos e valorizados.

⁵ Quando Rancière fala de arte, ele está se referindo a expressões tradicionais de arte, como as belas artes e a literatura e não necessariamente formato como o videoclipe. No entanto, usamos essas reflexões para pensar o videoclipe como expressão artística e as relações entre estética e política presente nesse formato audiovisual.

Os videoclipes são obras que estão entre o mundo das palavras e o mundo das coisas. Eles atuam no lugar interposto entre as palavras e as imagens, esse diálogo entre o mundo das palavras (letras de música, narrativa) e o mundo das coisas (imagem, gestos) possibilitam a abertura para diversas interpretações e reflexões. Essa interação entre o que é sensível e está na dimensão do que é sensorial e o da reflexão intelectual que está numa dimensão do pensável, consente a atuação do videoclipe no interstício entre essas esferas. Essa linguagem audiovisual pode criar rupturas e até mobilizar mudanças. Por essa razão, é preciso estar atento às possibilidades de contradições internas, que podem transmitir mensagens ambíguas e de contrassenso, o que pode acarretar no pensamento crítico e na reflexão sobre as complexidades da sociedade. Em suma, essas teorias nos oferecem uma abordagem rica e complexa para entendermos a relação entre política e estética.

Explorando as Dinâmicas de Poder sobre a Vida e a Morte

Os videoclipes aqui apresentados são passíveis de serem analisados pelos conceitos de biopoder, biopolítica de Foucault e necropolítica de Mbembe. Para solidificar a argumentação desse empreendimento reflexivo, foi preciso adotar uma abordagem interdisciplinar na qual dialogamos com uma fundamentação teórica diversa, para assim podermos compreender as dinâmicas de poder, colonialismo, identidade e resistência presentes nos videoclipes escolhidos para a análise. Sendo assim, esses conceitos são importantes para a articulação entre os temas dos vídeos analisados.

Apesar de usar essas teorias para fundamentar nosso argumento, é preciso salientar que não é possível dar conta de nos aprofundarmos nelas neste breve texto. Logo, articulamos as ideias principais entre os conceitos para assim construir nosso argumento e diálogo, ainda que de forma um pouco heterodoxa.

Os conceitos de biopoder, biopolítica e necropolítica se articulam entre si. Neste sentido, as noções foucaultianas de biopoder e biopolítica são complementares. O primeiro, diz respeito ao poder que é exercido sobre os corpos e vida dos indivíduos. O biopoder visa regular e controlar processos tanto biológicos quanto sociais, como saúde, natalidade, entre outros. Já o segundo, neste caso a biopolítica, são as estratégias, ferramentas e tecnologias empregues na gestão e regulação da vida e da população. Ela

opera na função da manutenção e da reprodução da vida de acordo com os interesses políticos e econômicos do estado.

Foucault, opera com um sentido de multiplicidade para poder, logo a resistência não seria um contraponto ao poder, mas estaria integrada a teia de poder, sendo relações do mesmo. Quando o autor faz uso desta palavra, ele quer dizer que o poder é uma trama de relações. Segundo o autor, poder é um conceito produtivo, não necessariamente repressivo. “Em suma, o poder disciplinar não destrói o indivíduo, ao contrário o fábrica. O indivíduo não é o outro do poder, realidade exterior, por ele anulado; é um de seus mais importantes efeitos.” (Foucault, 2014, p.25).

Sobre o terceiro conceito, o de necropolítica [...] neste caminho, Mbembe faz uso desses conceitos para conceber a ideia de necropolítica que se refere ao exercício do poder sobre a morte e a violência. A partir daí o autor vai argumentar que as hierarquias sociais e violência que foram vivenciadas pela população negra durante o período colonial foram um fator para legitimar o sistema capitalista vigente. Assim, o poder soberano estaria aplicado a um exercício de controle sobre a mortalidade, e no contexto colonial a soberania se baseava em um poder à margem da lei. Com isso, Mbembe faz uso dos conceitos de Foucault para analisar o período colonial e assim argumentar que essa época foi o primeiro experimento biopolítico da modernidade, em que vida e morte eram instrumento de controle e governamentalidade.

Mbembe dialoga com Agamben e sua categoria de Estado de Exceção para assim compreender as formas repressivas concebidas pela política ocidental. O autor vai argumentar que essas práticas conservam as hierarquias raciais e, em nome de uma “segurança”, convertem-se em violações de direitos. Neste contexto, as obras audiovisuais aqui analisadas apresentam o que o autor fala sobre situações marcadas pela violência. Na visão de Mbembe (2018), a vida contemporânea é uma condição permanente de viver na dor, isso é, estruturas de controle como postos militares, toques de recolher e a violência regularizada contra a população. Neste caminho, observamos como diversas práticas e instituições na sociedade contemporânea encarregam-se de controlar e gestar a vida e morte. Com isso, observamos que esses construtos teóricos como biopoder, biopolítica e necropolítica têm implicações políticas e sociais significativas para o pensamento contemporâneo das práticas sociais.

Experiência, performance e sentido

Se a arte cria um mundo, ela não o cria simplesmente para si mesma, mas para os outros (Randy Martin, 2015, p.9). Por este ângulo, o videoclipe enquanto expressão artística e obra audiovisual é um meio que se constrói mediante a cocriação e participação do público que consome e assiste. Este conjunto de interação se torna um aspecto deste empreendimento criativo, em que política e estética podem se relacionar.

Não há uma ação política e uma criação artística que se combinam ou entrecruzam: há uma (cri)ação direta que constrói, por meio da experiência, o sujeito político. Corpos que intervêm e, com seus movimentos poéticos de resistência e subversão, reposicionam a si mesmos e a outros do seu entorno (Saavedra, 2017, p.1)

Considerando um videoclipe como um signo que envolve um contexto, podemos assim dizer que ele não somente o envolve, mas cria um. Nesta dinâmica de uma nova circunstância criada, a experiência estética se dá. A experiência da música, da imagem e dos corpos se entrelaçam. De certa maneira, a música parece fabricar um espaço imaginário, o vídeo e os corpos presentes, com suas identidades visuais, paletas de cores, adereços e indumentária, materializam este imaginário.

Parafraseando Pereira e Dalla Vecchia (2021) o corpo do artista é algo público sendo um vetor essencial na articulação da produção de sentido materializada pelos videoclipes musicais. É através do videoclipe que podemos observar a materialidade da canção alicerçada em técnicas corporais como a coreografia, os gestos que são produzidos, tanto pelo artista quanto por aqueles que participam deste tipo de obra audiovisual. Com isso, “a performance musical presente no videoclipe torna-se uma convenção específica desta forma audiovisual” (Pereira; Dalla Vecchia, 2021, p.74).

A logo for américa um olhar sobre Alfredo Jaar.

Em 1987, o artista visual chileno, Alfredo Jaar, que havia se mudado para Nova York, desenvolveu um trabalho chamado *A logo For América*. Nesta obra, Jaar fez uso da palavra “América” no intuito de propiciar questionamentos como a apropriação da palavra pelos Estados Unidos, de forma que América não representava mais um continente, mas um país.⁶ Neste sentido, observou a estrutura de poder dos Estados

⁶ Fonte: <https://art21.org/read/the-timeless-relevance-of-alfredo-jaars-a-logo-for-america/>

Unidos ao cooptar para si a ideia de uma América⁷, excluindo e tornando invisível os outros países, assim como toda uma população latino-americana. É até hoje a sua obra mais conhecida.

Apesar dos seus mais de trinta anos, a obra permanece atual e nos permite pensar como os Estados Unidos fundou sua ideia de identidade nacional. Se nos basearmos em Hall (2006) podemos dizer que esse país, como cultura nacional, construiu sentidos através da palavra América, transformando-a em um discurso, que de certa maneira organizou a ideia de América como um país. É interessante observar como essa concepção foi construída simbolicamente, por meio de narrativas, imagens, mídia e cultura nos dando o entendimento de um Estados Unidos como América de forma unificada. Deste modo:

[...] não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unifica-los numa identidade cultural para representa-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional (Hall, 2006, p. 59).

Sabe-se que as nações se compõem por diferentes classes sociais, grupos étnicos e de gênero, e o nacionalismo busca unifica-los sob uma identidade comum. Nesta direção, a obra de Hall nos fornece uma reflexão de que as identidades culturais sempre estarão em constante transformação, e a globalização seria um destes fatores devido ao fluxo de informações e a articulação entre diferentes culturas. Deste modo, não se pode compreender as identidades como fixas e essencialistas, pois são construídas por processos discursivos e simbólicos. A obra de Jaar em tom provocativo, aborda a complexidade dessas identidades culturais questionando as representações hegemônicas da América. Alfredo Jaar, nos permite observar sobre essas diferentes realidades e perspectivas existentes no continente americano. Assim como Hall, a obra de Jaar questiona a ideia de uma identidade unificada e estável e que essas identidades nacionais se constroem por meio de discursos e representações que são negociados e contestados.

Estabelecendo uma relação com os vídeos que serão apresentados na seção seguinte, podemos observar como esta obra e os vídeos analisados, nos propiciam

⁷ “Apesar de extremamente diversas, as populações dos países compreendidos sob o rótulo de *Latin America* são, do ponto de vista americano, igualmente *Latin American*: um negro brasileiro é um *Latin American* tal como um índio guarani do Paraguai ou um argentino de descendência judaica. Ou seja, mesmo que os processos coloniais pelos quais passaram os países do Novo Mundo tenham sido semelhantes no tocante à produção de populações multiétnicas, os americanos outorgam-se o direito de escolher sua identidade hifenizada, enquanto os outros, aqueles que vivem abaixo do Rio Grande, recebem o rótulo indelével de latinos (latins).” (FERES JR, J. 2005, p.13).

reflexões sobre como o audiovisual pode construir narrativas contestadoras dessas noções hegemônicas, assim como revelam os mecanismos de controle que têm como alvo os indivíduos, que por sua vez constroem seus desejos e seus anseios de consumo, assim como moldam seus estilos de vida a partir da relação com os meios de comunicação e com as mídias em geral. Neste sentido, podemos dialogar com Foucault, considerando que o discurso molda e produz conhecimento, assim como poder e subjetividade.

Neste caminho, os discursos nacionalistas que os Estados Unidos produzem através da mídia são usados para delimitar fronteiras simbólicas, assim como mobilizar a população estabelecendo identidades coletivas. No entanto, é preciso estar atento que os discursos são arenas de poder e contestação, e como foi argumentado estão em contante negociação. Os conceitos de biopolítica e biopoder tornam-se relevantes para compreender como as identidades nacionais se constroem e se conservam. As obras audiovisuais dos artistas aqui apresentados, nos permitem observar os mecanismos biopolíticos que visam regular os corpos e populações, e como a mídia pode ser um dispositivo regulador. No entanto, esses discursos produzidos pelas obras analisadas parecem evidenciar e contestar os mecanismos de regulação.

Um olhar analítico.

Os videoclipes, como produtos audiovisuais que entrelaçam letra, música e imagem, podem operar de maneira harmônica ou não, entretanto é inegável a capacidade deste formato em instigar reflexões sobre questões sociais presentes na contemporaneidade. Nesse sentido, exploraremos como essas obras e seus criadores se transformam em ferramentas de expressão cultural e criativa, abrindo um espaço de potencial contestação das hegemonias vigentes no mundo contemporâneo. Compreendendo o videoclipe como uma experiência estética e política, é possível analisar sua relevância na atualidade.

Ao delinear as conexões entre os elementos mencionados, é necessário reconhecer que o decodificar desses códigos presentes nestas obras audiovisuais ocorre dentro de um contexto permeado por conhecimentos prévios, possibilitando interpretações variadas. Deste modo, foi imperativo fazer um recorte destas articulações e apresentar essa linguagem audiovisual e seus códigos, isto é, alguns conjuntos de signos que comunicam entre si dentro de um contexto específico. Isto posto, trago aqui este breve recorte que

permite assim fundamentar a argumentação do videoclipe como uma experiência estética e ferramenta política. Logo, entendendo que os artistas formam/integram corpo social, usam de suas obras audiovisuais, suas músicas, as letras (linguagem verbal), seus corpos e suas indumentárias como recursos para estabelecer/transmitir uma mensagem.

Tomemos, por exemplo, o rapper porto-riquenho, Residente e o duo cubano Ibey, cuja obra audiovisual, *This is not américa* é uma clara referência a *This is america*⁸, do artista Donald Glover, também conhecido como Childsh Gambino. Em *This is america*, Glover revela através da sua linguagem corporal, musical e visual a experiência do negro no que ele chama de América, isto é, os Estados Unidos. No decorrer do videoclipe, o artista explora um galpão realizando disparos contra diferentes indivíduos. O ritmo das ações violentas é habilmente sincronizado com a cadência sonora, ampliando a impactante mensagem visual e auditiva. É nesse momento que Glover declara: “*This is américa*” (isso é América). Notavelmente, o artista parece utilizar-se da ironia, expressando-se através da dança enquanto efetua os disparos. A sonoridade oscila entre momentos de suavidade e densidade, criando uma atmosfera intensamente contrastante.

A crítica em *This is américa* vai além da repressão policial que assola muitos indivíduos negros nos Estados Unidos. Ela também revela a intrincada complexidade cultural do país, onde se estabelecem interações complexas entre elementos culturais, consumo, entretenimento e política. De maneira evidente, o artista sinaliza a violência subjacente e expõe a apatia aparente e a inércia da sociedade perante essas questões cruciais.

Glover expõe como os negros não tem direito à vida e são constantemente assassinados e vistos como uma ameaça. Neste sentido, Agambem já havia discutido como determinados indivíduos são submetidos ao exercício soberano que lhe dá o direito de matar. Mbembe, ao desenvolver seu conceito de necropolítica, um diálogo com a noção de biopoder de Foucault, revela que atualmente não é só mais a regulação da vida que está em jogo, mas uma política de aniquilação. Neste sentido, o videoclipe *This is America*, expõe essas questões contemporâneas da violência urbana, demonstrando como o estado está colapsado como um lugar de gerenciamento da vida.

⁸ Devido ao tamanho do artigo, não podemos nos aprofundar de forma mais nuançada sobre esse vídeo que suscita tantas reflexões. Por isso, o recorte se propõe a olhar para um viés interpretativo, que é a violência dos corpos negros e uma breve articulação com o videoclipe do rapper Residente. Todavia, não se nega a possibilidade de estabelecer uma reflexão mais aprofundada sobre as possibilidades que esse vídeo, assim como as outras obras aqui mencionadas podem originar. Diante disso, se reconhece a importância de se aprofundar sobre temas tão relevantes para o pensamento contemporâneo.

Residente, por sua vez, constrói um / vídeo-resposta ao videoclipe de Glover. O porto-riquenho, logo no título já apresenta uma provocação à noção de América. No rap ele diz: “*América no es solo USA, papá, Esto es desde Tierra del Fuego Hasta Canadá*”. Em uma tradução livre ele diz que: “a América não é somente os Estados Unidos, e que ela vai desde a Terra do Fogo ao Canadá”. Como sabemos, a América é um continente que engloba vários países. *Residente*, faz uma clara crítica ao imperialismo dos Estados Unidos sobre as Américas, mais precisamente a Latina. Esta obra audiovisual, fala sobre a experiência de ser latino, sobre a diversidade presente nas Américas e as opressões que os indivíduos nativos que antes aqui viviam sofreram pelos colonizadores. A primeira imagem que vemos na tela, é uma referência a obra do Artista chileno Alfredo Jaar (fig.1-2). A intervenção multimídia de *Jaar*, exposta na Times Square, que mais parece um anúncio publicitário, questiona justamente a associação da América aos Estados Unidos.



Figura 1 - Frame do Videoclipe (*Residente This is not America*)

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=GK87AKIPyZY&ab_channel=ResidenteVEVO



Figura 2 – Alfredo Jaar – A logo For America

Fonte: <https://alfredojaar.net/projects/1987/a-logo-for-america-2/>

Nesta direção, *Residente*, faz uma crítica ao comportamento dos Estados Unidos, os quais não apenas mantêm o controle econômico sobre diversos países, mas também promovem a crença cultural de que os EUA representam toda a América. Estes são fatores culturais desse país que propaga o “sonho americano” tão disseminado pelo cinema hollywoodiano nas Américas. O que o artista faz em seu clipe é justamente destacar a diversidade, exibindo um conjunto de imagens de indígenas e diversos nativos das

Américas, ao mesmo tempo que faz uso do recurso audiovisual para fazer referências a eventos históricos ocorridos na América Latina. As crianças indígenas no clipe podem ser interpretadas como uma mensagem de futuro e esperança. Essas mesmas crianças, parecem consumir produtos que refletem o poder imperialista da cultura americana na América Latina. De forma bem sugestiva observamos uma criança nativa sentada em caixas de *fast food* (fig. 3) uma possível referência ao *McDonalds*, e a outra em cima de caixas de papelão uma provável alusão à empresa norte americana *Amazon* (fig. 4). Para representar outros líderes latino americanos, o artista escolheu a representação do ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, limpando a boca na bandeira brasileira, demonstrando assim o descaso do líder com o país(fig.5). Por fim, vemos uma América escrita com corpos e a polícia ao redor. (fig.6)



Figura 3 - Frame do Videoclipe (Residente This is not America)

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=GK87AKIPyZY&ab_channel=ResidenteVEVO



Figura 4 - Frame do Videoclipe (Residente This is not America)

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=GK87AKIPyZY&ab_channel=ResidenteVEVO



Figura 5 - Frame do Videoclipe (Residente This is not America)

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=GK87AKIPyZY&ab_channel=ResidenteVEVO



Figura 6 - Frame do Videoclipe (Residente This is not America)

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=GK87AKIPyZY&ab_channel=ResidenteVEVO

Residente, assim como Glover⁹ (fig.7), evidencia processos da colonização, da escravidão, da violência da polícia com corpos marginalizados e do poder exercido por um Estado e nação / Estado-nação. Os artistas apontam o poder sobre a vida e a violência sofrida pelo povo negro e latino-americano mostrando as desigualdades, as causas e os impactos causa delas nas populações marginalizadas. Sobre tais questões, Mbembe (2018) havia apontado;

Como já vimos, o terror é uma característica que define tanto os Estados escravistas quanto os regimes coloniais contemporâneos. Viver sob a ocupação contemporânea é experimentar uma condição permanente de “viver na dor”: estruturas fortificadas, postos militares e bloqueios de estradas em todo lugar; construções que trazem à tona memórias dolorosas de humilhação, interrogatórios e espancamentos; toques de recolher que aprisionam centenas de milhares de pessoas em suas casas apertadas todas as noites do anoitecer ao amanhecer; soldados patrulhando as ruas escuras, assustados pelas próprias sombras;

⁹ Nesta imagem, o artista efetua disparos em um coro em alusão ao massacre em Charleston 2015, no qual o supremacista branco Dylann Roof matou nove negros no porão de uma igreja. “A imagem e o que ela evoca mostram como as pessoas lutam para se reconciliar e separar diferentes instâncias de violência, de acordo com Ramsey. À medida que consumimos violência em todos os tipos de plataformas, seja nas notícias, através de vídeos ou programas de televisão, torna-se difícil absorver casos muito reais de assassinatos em massa.” “Você não pode escapar da violência”, diz Ramsey. “Mas você está sendo forçado a separar como se sente sobre isso em nosso mundo digitalizado. A violência virtual, a violência real, tudo se confunde.” (Gajanan, 2018) (tradução nossa)

crianças cegadas por balas de borracha; pais humilhados e espancados na frente de suas famílias [...] (2018, p. 68-69).



Figura 7 - Frame do Videoclipe (Childish Gambino This is America)

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=VYOjWnS4cMY&ab_channel=ChildishGambinoVEVO

As escolhas visuais como as crianças indígenas em cima de caixas de produtos que representam a cultura norte-americana, assim como Gambino segurando uma arma, após assassinar jovens negros de um coral, acompanhados por uma sonoridade que alterna entre suavidade e densidade provocam reflexões críticas sobre a complexidade cultural e política das Américas. O uso destas imagens acrescenta camadas de significado ao videoclipe. Esses elementos estéticos não apenas enriquecem a experiência visual, mas também são utilizados como artifícios simbólicos para apontar para questões políticas complexas, como o impacto da cultura norte americana na América Latina, a exploração econômica e as opressões históricas contra negros na América do Norte, mas também contra os latino-americanos. Os videoclipes nos apresentam um lugar de debate. Retomando a ideia de política como espaço de disputa, podemos argumentar que tanto Glover, quanto Residente fazem dessas obras audiovisuais expressões estéticas e políticas que contestam as concepções hegemônicas, assim como apresentam um regime estético subversivo usando a expressão artística como lugar de contestação e resistência.

Considerações em processo

As perspectivas até então articuladas nos permitiram observar que o videoclipe musical é uma forma de ação, atuando no mundo como a linguagem por meio da qual o signo é reiterado e citado em diversos contextos. A articulação entre corpo, música, som e imagem torna a experiência possível. Desta forma, foi viável tecer breves reflexões sobre o videoclipe como um recurso para abordar questões políticas, assim como refletir sobre a técnica social e seus mecanismos de produção de sentido na linguagem, através

das práticas audiovisuais. Essas práticas frequentemente exploram sentidos sociais violentos que operam tecnicamente na subordinação dos corpos que estão fora do eixo da norma social, como é o caso das experiências abordadas nos vídeos em análise, que tratam da vivência de ser negro, latino-americano e subalternizado

Quando se trata de pensar as mídias, sejam elas quais forem, independentemente de suas plataformas, devemos nos questionar sobre as possibilidades de mensagens que podem ser extraídas. A mídia, incluindo o videoclipe musical, pode servir como um prelúdio para compreendermos o contexto contemporâneo. Apesar do videoclipe muitas vezes parecer um mero produto de consumo no vasto mercado midiático, suas manifestações audiovisuais podem revelar uma visão política do mundo e do sistema que nos cerca. Dessa maneira, é possível apontar o caráter político subjacente às performances artísticas apresentadas nos vídeos. A política se configura assim com um complexo jogo de relações, no qual a estética desempenha um papel fundamental.

A abordagem interdisciplinar nos ofereceu a oportunidade de enriquecer a compreensão da estética dos vídeos, considerando como elementos políticos e estéticos estão intrinsicamente ligados. Além disso, esta abordagem pode nos ajudar a revelar como a estética nos vídeos muitas vezes reflete e dialoga com as questões sociais e políticas do contexto em que são produzidos.

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, G. *Infância e História: destruição da experiência e origem*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas, Vol 1 – Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994
- FERES JR., João. *A história do conceito de Latin America nos Estados Unidos*. Bauru: Edusc, 2005, 317 p.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: A vontade do saber*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014
- FOUCAULT, M. *sujeito e o poder*. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Tradução de Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, pp. 231-249
- GAJANAN, Mahita. *An Expert's Take on the Symbolism in Childish Gambino's Viral 'This Is America' Video*. Time, 2018. Disponível em: <https://time.com/5267890/childish-gambino-this-is-america-meaning/>. Acesso em: 15 de julho de 2023.
- GLOVER, Donald. Childsh Gambino. *This is America*, 6 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VYOjWnS4cMY&ab_channel=ChildishGambinoVEVO> Acesso em: 22 de agosto de 2022
- HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. São Paulo: DP&A, 2006

-
- STATHOPOULOU, K. THE TIMELESS Relevance of Alfredo Jaar’s “A Logo for America”. [S. l.], 2 ago. 2020. Disponível em: <https://art21.org/read/the-timeless-relevance-of-alfredo-jaars-a-logo-for-america/>. Acesso em: 22 ago. 2022.
- MARTIN, R. *The Routledge Companion to Art and Politics*. Routledge.2015
- MBEMBE, A. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018
- PEREIRA, Simone. DALLA VECCHIA, Leonam. *O álbum visual Kisses e a construção da star persona de Anitta*. 2021
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: EXO experimental org.; Ed. 34, 2005.
- RANCIÈRE, Jacques. "A Estética como política." *Devires*, São Paulo, v.7, n.2, 2010, p.14-36
- RANCIÈRE, Jacques *O Desentendimento: política e filosofia*. São Paulo: Ed. 34, 1996c
- RESIDENTE. *This is not America*, 17 de Março de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GK87AKIPyZY&ab_channel=ResidenteVEVO>. Acesso em: 22 de agosto de 2022.
- SAAVEDRA, R. *Entre Militâncias E Letramentos: Produção Cultural, Ativismo E Jovens Feministas*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11& 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.
- VERNALLIS, C. *Experiencing Music Video: Aesthetics and Cultural Context* New York, Colombia University Press, 2004